

REPRESENTAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA LITERATURA JOVEM-ADULTA CONTEMPORÂNEA: AS DINÂMICAS NARRATIVAS DE *FOUR WEEKS, FIVE PEOPLE*, DE JENNIFER YU

REPRESENTATION OF MENTAL CONDITIONS IN THE CONTEMPORARY YOUNG ADULT LITERATURE: NARRATIVE DEVICES IN *FOUR WEEKS, FIVE PEOPLE*, BY JENNIFER YU

Denise Nunes 1
Tereza Raquel Tomé Adeodato 2
Jorge Luiz Adeodato Junior 3

Resumo: Partindo de princípios e vocabulário da comunidade literária direcionada ao público jovem e de critérios para a classificação de transtornos mentais, propõe-se uma leitura do livro *Four Weeks, Five People* (2018), de Jennifer YU, a partir da percepção geral de algumas dessas condições presentes em veículos culturais. A obra trata das relações estabelecidas por cinco adolescentes em um acampamento voltado ao processo terapêutico. Voltando-se ao estilo de escrita e à ambientação, a proposta é debater as formas como as personagens foram elaboradas de modo a ilustrar alguns desses transtornos. Ao iluminar maneiras como aflições psíquicas afetam a vida dos jovens, percebe-se as possibilidades de apontar formas de lidar com discussões extremamente delicadas dentre aqueles que pertencem à essa faixa etária. Propostas para a tradução de passagens do livro serão apresentadas pela primeira vez em português brasileiro ao longo do texto. **Palavras-chave:** Cultura adolescente contemporânea. Escrita e representação. Adolescência.

Abstract : From principles and terms present in the literary community focused on young people and from definitions of mental illnesses extracted from theoretical books in the field of Psychology (DSM-5 and recommendations from the World Health Organization), the following paper intends to analyze the novel *Four Weeks, Five People* (2018) by Jennifer Yu. The book is about five teenagers, each with a different mental illness, who are admitted into a therapeutic camp in upstate New York. By analyzing the writing style and the setting, the authors intend to highlight the different ways the characters are presented to the audience and, at the same time, underline how these illnesses can affect the lives of teenagers and demonstrate how art can provide a way to start difficult and necessary discussions among this age group in our current time.

Keywords: Contemporary adolescent culture. Writing and representation. Teens and teenage years.

Graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú 1
(UVA, Sobral-CE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1351165579352221>. ORCID:
0000-0003-4609-6151. E-mail: denisenunes.dnvl@gmail.com

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) 2
Atua no Sistema Único de Assistência Social em Teresina-PI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8926684361641987>. ORCID: 0000-0002-5138-9584.
E-mail: raqueladeodato@gmail.com

Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará 3
(POET-UFC). Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA, Sobral-CE) e da Faculdade Luciano Feijão (FLF, Sobral-CE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6342439561198553>. ORCID: 0000-0002-7339-8481.
E-mail: jorge_adeodato@uvanet.br

Introdução

Grande parte da população mundial é afetada, atualmente, por algum tipo de transtorno mental. Dados da Organização Mundial da Saúde apontam que uma em cada dez pessoas, ou seja, 10% por cento da população mundial, sofre com algum transtorno mental. Considera-se a depressão o mais comum e incapacitante para aqueles que dela sofrem. No tocante à criança e adolescentes, esse número é alarmante: 20% de crianças e adolescentes no mundo sofrem com algum tipo de adoecimento mental. (OMS, 2003).

Vemos, com certa frequência, esse assunto permeando manchetes e páginas de jornais ou semanários, principalmente, quando em torno de grandes campanhas mundiais, como o “Setembro Amarelo”, que evoca a temática do suicídio e suas formas de prevenção. No entanto, mesmo com esses apontamentos, perdura uma lacuna de discussão pública aprofundada, principalmente acerca de produtos culturais que envolvam, em especial, pessoas na faixa etária de menos de vinte e cinco anos, que são constantemente afetadas diretamente por esse problema e com tamanha dificuldade (pelas mais variadas causas) de acesso a tratamento adequado.

Partindo dessas questões e focando na ocorrência de personagens envolvidos com tais sofrimentos na ficção voltada ao público de jovens adultos, este trabalho analisa a condução narrativa e construção dos personagens presentes no livro *Four Weeks, Five People* (ainda sem tradução para o português brasileiro) da escritora estadunidense Jennifer Yu.

O livro de estreia da autora segue a jornada de cinco protagonistas, Clarissa, Stella, Andrew, Mason e Ben que, com idades diversas, convivem em um acampamento terapêutico por um mês e cada qual vai expor e compartilhar as vivências de tipos diferentes de sofrimento psíquico: transtorno obsessivo-compulsivo, ansiedade, depressão, transtorno alimentar, transtorno narcisista e transtorno dissociativo. Histórias que incluam esses tópicos são bem-vindas para a identificação e representatividade de jovens, pois assim poderão perceber que não são os únicos a sentirem tais angústias, e saber que essas condições estão presentes no cotidiano, conduzindo a uma percepção dos sintomas e, por consequência, à ajuda profissional. Através da análise de trechos de sua estrutura narrativa – como ambientação, personagens e temática – será discutido o benefício de livros envolvendo o tema.

Sobre a necessidade de uma representação na cultura adolescente

O tópico envolvendo saúde mental mais discutido no meio do entretenimento é o do suicídio, uma fatal decorrência de condições como a depressão e a ansiedade. Em **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais** (2008), Paulo Dalgalarondo aponta algumas causas que podem levar a essas ações extremas: “tal impulso ocorre quase sempre associado a outros sintomas mentais e condições gerais como humor depressivo, desesperança, ansiedade intensa, desmoralização crônica, dor ou disfunções orgânicas crônicas.” Entre as causas, ele lista “desesperança, falta de perspectivas, sensação de fracasso pessoal, morar sozinho, não ter família ou vínculos sociais” (DALGALARRONDO, 2008. p. 179).

Muito debate-se acerca da propriedade com a qual ficcionistas decidem escrever sobre personagens que sofrem de doenças mentais. Surgiu então, na comunidade literária jovem, o termo *own voices* (“na própria voz”, em tradução livre) que se refere a autores que escrevem inspirados em experiências próprias: um(a) autor(a) negro(a) escrevendo sobre brutalidade policial; um(a) autor(a) LGBTQ+ escrevendo sobre personagens descobrindo e explorando suas sexualidades. A movimentação em torno do termo teve início em 2015, quando a autora holandesa Corinne Duyvis, ao pedir recomendações de leituras na rede social Twitter escreveu “#naprópriavoz, para recomendar literatura infantil com personagens diversos escrito por autores pertencentes aos mais diversos grupos”¹. (DUYVIS, 2015. Tradução nossa). Um procedimento que, de alguma maneira – em especial, à maneira rápida requerida pela linguagem das expressões em meio digital – reforça a sinceridade da minoria representada².

1 #ownvoices, to recommend kidlit about diverse characters written by authors from that same diverse group.

2 Essa movimentação pode ser entendida, também, como um exemplo da ideia de “convergência” conforme apresentada pelo teórico Henry Jenkins, para quem há, na cultura de massa contemporânea, um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais em direção a relações cada vez

Em *Four Weeks, Five People*, a autora Jennifer Yu não se prendeu em criar um enredo claro e tradicional para sua história. Nela, o foco são interações dos adolescentes uns com os outros, diferenças nas suas atitudes durante seu período no acampamento e relacionamento e progresso com os terapeutas presentes no enredo. A autora também foi cautelosa em pesquisar as doenças mentais que escolheu representar, deliberadamente optando por transtornos incomuns na mídia ou na literatura destinada à faixa etária em questão. A autora, em entrevista para o **School Library Journal**, publicação com mais de seis décadas direcionada para bibliotecários que lidam com acervo destinado a crianças e jovens nos Estados Unidos, falou sobre suas inspirações e processo de escrita afirmando que,

[o romance] não é autobiográfico, mas acredito ter sido moldado pelas minhas experiências com transtornos mentais e terapias de grupo. Duvido que teria escrito uma história sobre cinco adolescentes muito diferentes, aparentemente unidos apenas por um desdém comum por situações que seus pais, professores, terapeutas puseram em cima deles, não fosse pelas muitas horas que passei sentada em salas com sofás desconfortáveis discutindo problemas desconfortáveis com totais estranhos (alguns dos quais eventualmente tornaram-se bons amigos!) (DIAZ, 2017)³

Para além de vozes próprias e grupos particulares, livros que lidam e tratam desses temas são importantes para mostrar a gravidade com que essas condições podem impactar vidas e educar para uma sensibilidade às condições dos outros. Conforme transparece no relato pessoal de Yu, convívio e interação social são importantes para a recuperação, ainda que apenas através da emissão de sinais de compreensão do que a pessoa está sentindo no momento.

Mais espertos que a média dos psicólogos

O livro pode conter a ausência de um enredo centrado e um ritmo um tanto lento, uma vez que a narrativa é amplamente focada nas vozes e nas percepções particulares de cada uma das personagens, capítulo a capítulo, perspectiva a perspectiva⁴. Não há muita ação ou um arco maior que englobe todas as personagens: a autora voltou suas atenções às maneiras como jovens encaram a si mesmos e as dificuldades que enfrentam, como reagem ao comportamento das pessoas ao seu redor e como as dinâmicas sociais os afetam. E, ao final da narrativa, apesar de laços já devidamente estabelecidos, resta claro que nenhum foi “curado”. Sobre não haver um “final feliz” para suas personagens, a autora disse em entrevista ao **School Library Journal** que “algumas pessoas acham o final triste e desencorajador porque nem tudo é resolvido e nem todos terminam ‘melhores’. E há certos elementos do final que são triste mesmo, mas penso que a ideia de que vale a pena seguir o arco-íris, ainda que não haja um pote de ouro no final, é bem esperançosa.” (DIAZ, 2017. Tradução nossa). Dessa forma, o apelo ficcional aponta também para a realidade, uma vez que a busca por diversos elementos de tratamento, como fármacos, terapia individual ou em grupo, embora exitosos em grande parte dos tratamentos, não são garantidores do restabelecimento total da saúde, mas podem apontar possibilidades de melhoria e convivência com o transtorno mental.

mais complexas entre a mídia corporativa e a cultura participativa (JENKINS, 2015, recurso eletrônico)

3 This [novel] is not autobiographical, but I do believe that [it] was shaped by my experiences with mental illness and group therapy. I doubt I would have written a story about five very different teenagers confronting very different problems, seemingly united only by their shared disdain for the situation that their parents, teachers, therapists have hoisted upon them, were it not for the many hours I spent sitting in rooms with very comfortable couches discussing very uncomfortable topics with veritable strangers (some of whom eventually became very good friends!). (DIAZ, 2017. Tradução nossa)

4 A fragmentação é um procedimento característico das narrativas do período que se convencionou chamar, na historiografia literária, “pós-modernidade”. Tida como um procedimento disruptivo durante a produção escrita dos anos 1970 e 1980, aparece aqui, conforme apontaria Fredric Jameson, enquanto discurso de mídia devidamente reificado (JAMESON, 1991, p. 16): ao invés de funcionar como provocação para testar os limites da forma, é utilizado em favor da narrativa e do leitor.

Outro elemento interessante do ambiente em que se encontram todas as personagens é Dr. Palmer, embora pouco apareça ao longo da narrativa. Todos os cinco protagonistas expressam com frequência sua frustração para com suas relações com essa “figura de autoridade”, como é evidente em alguns trechos durante o livro.

Ele acha mesmo que vai fazer a gente se sentir melhor dando uma palestra de dez minutos sobre absolutamente nada? Escutando algum babaca de terno que nem sequer conhecia o Andrew - não do jeito que a gente conhecia, não depois de passarmos as últimas três semanas de acampamento com ele, enquanto ele passou três semanas em um escritório cinza repassando e-mails sobre um acampamento que ele só viu por um dia - diga-nos como isso possivelmente poderia ser uma boa ideia? (YU, 2018, p. 278. Tradução nossa)⁵

Esse pensamento de que os adultos e “psicólogos profissionais” do acampamento não entendem realmente o que os frequentadores estão passando e apenas passam atividades padrões é bem recorrente ao longo da história. Em determinada ocasião, Stella e Clarissa conversam e uma delas está nervosa pela presença de álcool e rapazes. Clarissa, na dinâmica proposta pelo livro, é a personagem que representa a ansiedade; para ela, fazer algo contra as regras ou que possa resultar em problemas causa grande nervosismo. Stella tenta acalmá-la dizendo

– Certo. Tá, desculpa. Eu... já pedi pro Andrew vir aqui. Acho que eles poderiam aparecer e, sei lá, depois a gente pede pra eles irem embora. Você não acha que isso aqui é um acampamento, e aí você quer fazer coisas de acampamento pra não deixar ‘a doença tomar controle da sua vida’ ou coisa assim? Teu psicólogo te diz isso?

– Todo psicólogo diz isso.

Clarissa me pegou bem aí. “Um bom argumento”, falei. (YU, 2018, p. 54. Tradução nossa)⁶

A forma como Clarissa fala “todo psicólogo diz isso” indica que várias expressões acabaram por se tornar frases esvaziadas de sentido que, hoje, mais servem como motivo de piada ou ironia para jovens.

Quanto à terapia realizada durante a estadia dos jovens no acampamento, podemos ler apenas as reações dos adolescentes e suas percepções sobre essas formas de tratamento. Algumas personagens já estão em processo de terapia há um tempo, então a forma como certas estratégias discursivas estão memorizadas, bem como como suas percepções como ou ineficazes, estão bastante presentes ao longo da narrativa. Novamente, podemos perceber essa característica na forma como Stella descreve o acampamento para Andrew como

Não permitem que a gente esteja junto sem supervisão, para o caso de matarmos uns aos outros acidentalmente. Os conselheiros fazem vistorias nos quartos de duas em duas horas após o apagar das luzes. E todos os dias de todas as semanas são planejados com alguma atividade terapêutica

⁵ Does he really think he’s going to be able to make any of us feel better by prattling on for ten minutes about nothing? That hearing some asshole in a suit who didn’t even know Andrew—not the way we did, not after we spent the last three weeks of camp with him and he spent the last three weeks of camp sitting in some gray office churning out emails about a camp he only ever sees on the first day—tell us how to feel could possibly be a good idea? (YU, 2018, p. 278)

⁶ “Okay. Okay, I’m sorry. I just—I already told Andrew to come over. I guess they could come and then we could ask them to leave, but—I don’t know. Don’t you feel like it’s camp, and you want to do camp things, and not let ‘your illness control your life,’ or whatever? Does your psychologist say that?” “Every psychologist says that,” Clarissa says, and, well, she certainly has me there. “Good point,” I say. (YU, 2018, p. 54)

que devem fazer a gente confundir nossa exaustão com uma real melhora (YU, 2018, p. 50-51. Tradução nossa)⁷

Em vários momentos, a autora narra métodos que terapeutas mais sensíveis usam, ainda que de forma sutil, para trazer um conforto psíquico em situações de grande tensão. Em dada passagem Andrew, anorético, está nervoso por se pesar pela primeira vez durante o acampamento

NÃO SOU RELIGIOSO, mas faço uma oração antes de pisar na balança. É a Quarta da Pesagem. De frente pra balança. Prendendo a respiração. E rezando, caralho. [...]

“Andrew?”, diz Jessie.

Tô encarando a balança há um minuto, ela provavelmente tá ficando preocupada.

“Você gostaria de algo para cobrir os olhos antes de se pesar?”

Uma oferta tentadora. (YU, 2018, p. 111. Tradução nossa)⁸

A forma como a terapeuta detecta o nervosismo de Andrew e a forma como administra isso mostra como variáveis podem ser adaptadas para atender cada caso.

Um dos pontos mais interessantes sobre o livro é a escrita similar à linguagem usada pelos jovens, mostrando a perspectiva de cada um e incorporando vozes distintas à narrativa em consonância com aspectos de suas condições mentais. Tais particularidades serão ressaltadas nas seções seguintes.

A voz de Stella

A primeira personagem a ser introduzida é Stella, que sofre de depressão. A partir das características de transtornos depressivos relatadas pelo DSM-5, “a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (DSM-5, 2014. p. 155), a que está presente nessa personagem de forma acentuada é a irritabilidade, que, de acordo com Dalgalarrondo, também constitui um sintoma dessa condição, assim como “sentimento de tédio, de aborrecimento crônico, apatia, desesperança”, (DALGALARRONDO, 2008. p. 307).

Sobre Stella, Jennifer Yu afirma à **School Library Journal** que ela “iniciou **Four Weeks, Five People**, e sua voz – a dessa adolescente esperta e perspicaz, mas também vulnerável, defensiva e *cansada* – veio facilmente para mim.” (DIAZ, 2017. Tradução nossa)⁹. Apesar de haver outros quatro personagens principais, desde o início Stella parece destacar-se como possível protagonista.

A impressão inicial é que ela aborda as situações com bastante ceticismo, como podemos ler no trecho a seguir,

7 We're never allowed to be together unsupervised, just in case we accidentally end up murdering each other. The counselors do bed checks every two hours after lights-out. And every day of every week is planned with some dumb therapeutic activity that's supposed to make us confuse exhaustion with actually feeling better. I'm going to go with no. (YU, 2018, p. 50-51.)

8 I'M NOT RELIGIOUS, but I pray before I step on the scale. It is Weigh-in Wednesday. I am standing in front of the scale. I am holding my breath. And I am fucking praying. [...] “Andrew?” Jessie says. I've been staring at the scale for a solid minute now, and she's probably getting worried. “Would you like to do the weighing blind?” It's a tempting offer. (YU, 2018, p. 111)

9 “Stella was the character who started **Four Weeks, Five People**, and her voice—the voice of this teenage girl who's smart and sharp-witted, but also scared and defensive and tired—came the most easily to me.” (DIAZ, 2017)

Olha só, o problema com o primeiro dia de acampamento é que sempre sou a única que percebe o quanto isso tudo vai ser uma droga, e aí faço a coisa lógica a ser feita que é desistir. Todo mundo tá ali tão esperançoso, com um brilho no olhar, enquanto a gente vai dizendo nossos nomes e ouve um pouco sobre nossas quatro semanas no acampamento! (YU, 2018. p 48. Tradução nossa)¹⁰

Todavia, à medida em que ela vai se apegando aos seus colegas de grupo, começa a se importar mais com o bem-estar deles e o seu próprio, mesmo que sempre se censure e tente manter a fachada de desinteresse. Um exemplo de como ela vai aos poucos se apegando aos seus amigos pode ser visto quando durante uma sessão de terapia em grupo ela pensa,

“Ah, sei lá,” diz Andrew. “Acho que... Bem, para ser honesto, acho que os relacionamentos que construí aqui são alguns dos mais saudáveis e autênticos que já fiz. Digo, fora aqueles com os meninos, claro,” ele coloca. [...] Estou acima disso, não preciso disso; [...] Mas aí olho pro Andrew, e o jeito como ele olha para mim, e aí, de alguma maneira, me pego começando a falar. “É”, digo. “É, isso aqui - é algo bom, pessoal.” (YU, 2018, p. 162. Tradução nossa)¹¹

Stella também estabelece comentários acerca do comportamento dos outros membros de seu grupo, nem sempre da forma mais sensível. Entretanto, na medida em que a história avança, percebemos que sua atitude pode ser percebida como mecanismo de defesa, ou seja, uma forma de impedir que alguns impulsos inconscientes inaceitáveis se tornem conscientes.

A voz de Clarissa

A próxima personagem a introduzida é Clarissa, com transtorno obsessivo compulsivo (TOC). Na personagem, sua condição é caracterizada pela presença da obsessão com o número sete e compulsões, que “são comportamentos repetitivos ou atos mentais que um indivíduo se sente compelido a executar em resposta a uma obsessão ou de acordo com regras que devem ser aplicadas rigidamente” (DSM-5, 2014. p. 23). Essas compulsões se manifestam devido ao medo de quebrar as regras e suas consequências, numa sensação de “segurança” a serem garantidas por suas ações:

O lago, os chalés, a área de recreação, tudo quase que completamente rodeado por árvores. Antes que eu pudesse me controlar, deixei meu cereal de lado e comecei a contá-las uma a uma: um, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. A cabeça foi no automático: começa, conta, para, repete, sete, 7, 7, 7. Uma parte de mim acredita que dá para contar todas as árvores do perímetro – se não for um número seguro, será que eles me deixam botar algumas delas abaixo? Será? 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6– (YU, 2018, p. 67. Tradução nossa)¹²

10 The problem with the first day of camp, see, is that I’m always the only one who’s realized how utterly miserable camp is going to be, and done the logical thing and just given up. Everyone else is all bright-eyed and hopeful as we introduce ourselves and get to know each other and learn about our next four weeks at camp! (YU, 2018, p. 48.)

11 “Oh, I don’t know,” Andrew says. “I think... Well, I think the relationships I’ve formed here are some of the most healthy and authentic ones I’ve ever made, to be honest. I mean, other than with the guys, of course,” he adds. [...] I’m above this, I don’t need this; [...] But then I look at Andrew, and the way he’s looking at me, and then, somehow, I hear myself start talking. “Yeah,” I say. “Yeah, this is—it’s nice, with you guys.” (YU, 2018, p. 162.)

12 The lake, the cabins, and the rec area are all situated in a field of grass that’s almost entirely enclosed by trees. Before I can stop myself, I’ve forgotten all about my cereal and started counting them: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. My mind goes into autopilot: start, count, stop, repeat. 7, 7, 7, 7. A part of me thinks that I can somehow count all the trees that form our perimeter—if it’s not a safe number, will they let me cut a few down? I wonder. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. 1, 2, 3, 4, 5, 6– (YU, 2018, p. 67.)

A maneira como a personagem se perde em seus pensamentos, contando para que possa garantir que o ambiente ao redor de si é seguro é algo frequente ao longo da narrativa, ajudando o leitor a compreender o seu transtorno. A autora, inclusive, compôs os capítulos na perspectiva de Clarissa de forma que todos os parágrafos sejam compostos por sete frases.

De acordo com o DSM-5, “muitos indivíduos com TOC têm crenças disfuncionais. Essas crenças podem incluir senso aumentado de responsabilidade e tendência a superestimar a ameaça; perfeccionismo e intolerância à incerteza; e importância excessiva dos pensamentos e necessidade de controlá-los.” (DSM-5, 2014. p. 238). Dalgalarrondo complementa que “outras razões para os atos e os rituais compulsivos são pensamentos mágicos que vinculam a realização do ato compulsivo com o afastamento de algum evento temível ou indesejado.” (DALGALARRONDO, 2008. p. 322). Seguindo por essas descrições, podemos identificar em Clarissa uma tendência por superestimar a ocorrência de ameaças, como na passagem em que, por conta de um número pouco seguro de pinturas na parede, seus pensamentos irromperem em uma possível ameaça do

...teto desabando após uma nevasca. As paredes, voando longe com um vento torrencial. O chalé inteiro queimado depois de uma vela acidentalmente cair ou algum idiota tenta fumar aqui dentro. Alguém preso, alguém esmagado, alguém queimado vivo, alguém - “Clarissa!”, Stella grita. Abro os olhos e percebo que tô tremendo. 1, penso automaticamente, contando minha respiração, 2, 3, 4, 5, 6, 7. (YU, 2018, p. 73. Tradução nossa),¹³

A voz de Mason

Mason tem transtorno de personalidade narcisista. Esse parece ser o personagem mais difícil de se relacionar enquanto leitor. De acordo com o DSM-5,

o aspecto essencial de um transtorno da personalidade é um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo e que se manifesta em pelo menos duas das seguintes áreas: cognição, afetividade, funcionamento interpessoal ou controle de impulsos, (DSM-5, 2014. p. 647).

ou seja, diferente de apenas algum traço de personalidade, os transtornos são inflexíveis e prejudiciais. O transtorno de personalidade narcisista é definido como “um padrão difuso de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos.” (DSM-5, 2014. p. 670)

A personagem, contudo, mostra um progresso em seu quadro ao decorrer da leitura e, por mais que possa parecer mínimo, consegue criar laços os outros adolescentes. Apesar de afirmar que não se importa com ninguém, a mudança de atitude, principalmente em seus pensamentos, é sutil, mas evidente. Ao final do livro, durante um diálogo com Stella, Mason cogita:

– É, bem provável que eu te empurraria mesmo da montanha.

– Porque ano passado você seria forte o bastante pra suportar a cadeia?, pergunto.

Stella bufa com desdém.

¹³ The roof, caving in after a snowstorm. The walls, blown over by torrential wind. The entire cabin, burning down after a candle falls or some idiot tries to smoke a cigarette indoors. Someone trapped inside, someone crushed by logs, someone burning alive, someone—“Clarissa!” Stella shouts. I open my eyes and realize that I’m shaking. 1, I think automatically, counting breaths, 2, 3, 4, 5, 6, 7. (YU, 2018, p. 73)

– Porque eu não me importaria com o que quer que acontecesse com minha vida ano passado.

– Ah.

Empatia, acho. Eis aqui uma situação em que eu deveria sentir empatia. Mas, na verdade, o que que ela quer mesmo de mim? Se ela não teve respeito por si mesma, problema dela. Tento pensar em algo para dizer – algo que não vá fazer Stella me odiar, mas algo que também não seja uma obviedade sem significado algum. (YU, 2018, p. 295. Tradução nossa)¹⁴

Um tipo de pensamento que decerto não estaria presente ao início da narrativa. Essas pequenas mudanças e a forma como ele cria relações deixam a curiosidade sobre a personalidade incerta de Mason e do que pode ser entendido como uma evolução de sua personagem.

A voz de Ben

Ben é o personagem que tem transtorno dissociativo de desrealização: em seus episódios, imagina que a vida é um filme ao ponto de não sentir nada – se é um filme, o que “realmente” acontece não importa. Esses episódios são descritos em forma de roteiro, facilitando ao leitor que se evidencie em quais situações lê a personagem.

Sobre o processo de escrita para a representação de doenças mentais tão diferentes, a autora explicou em sua entrevista ao **School Library Journal**, “fiz uma pesquisa extensiva – tanto na biblioteca (lendo livros didáticos de psicologia, jornais, artigos, etc.) como através de conversas com pessoas que viveram ou estão vivendo com problemas em sua saúde mental similares” (DIAZ, 2017. Tradução nossa)¹⁵

O transtorno dissociativo de desrealização é caracterizado por alguém que tem “experiências de irrealidade ou distanciamento em relação ao ambiente ao redor (p. ex., indivíduos ou objetos são vivenciados como irrealis, oníricos, nebulosos, inertes ou visualmente distorcidos).” (DSM-5, 2014. p. 302) No livro, o personagem descreve isso como,

As pessoas sempre dizem que dissociação é quando as coisas não parecem “reais”, e eu costumava falar isso também. Daí percebi que... não é bem assim. Sei que estou ao ar livre, no meio de um parque público, ao norte do estado de Nova Iorque, e que outras quatro pessoas estão aqui comigo, [...] O que parece mesmo é que, a qualquer momento, as luzes vão acender, os créditos vão rolar e eu vou ser colocado pra fora do quadro, pra longe da minha problemática, esquisita e desconfortável tristeza. E claro, eu tô tão em pânico que mal consigo respirar agora, mas espera só até a reviravolta no ato dois! (YU, 2018, p. 31-32. Tradução nossa)¹⁶

14 Stella elbows me in the side. “Yeah, I probably actually would have pushed you off the mountain.” “Because you were tough enough to make it through jail last year?” I ask. Stella snorts. “Because I didn’t care what happened to my life last year.” “Oh.” Empathy, I think. This is one of those situations when I am supposed to have empathy. But what does she want from me, really? If she had no self-respect, that was her problem. I try to think of something to say—something that won’t make Stella hate me, but something that isn’t a meaningless platitude. (YU, 2018, p. 295.)

15 “I also did external research—both in the library (reading psychology textbooks, journals, papers, etc.) and through conversations with people who had experienced or were experiencing mental health issues similarly to those experienced by the characters.” (DIAZ, 2017)

16 People always say that dissociation is when things don’t feel “real,” and I used to say that, too. But then I realized—that’s not true. I know that I’m standing outside in the middle of a state park in upstate New York, and that I’m with four other people, [...] What it does feel like is that, at any moment, the lights will come on and the credits will play and I’ll be put out of my troubled, awkward, unavoidably real misery. Sure, I’m so panicked that I can barely breathe right now, but just wait until the act-two turn! (YU, 2018, p. 31-32.)

A partir deste trecho, podemos perceber que ele tem uma leve noção de sua condição mental, no entanto, estando em um episódio de dissociação, narra como se não fosse um problema. Ben é um dos personagens que mais tenta se conectar e se aproximar dos outros e tem um coração bom e atencioso. Muitas das decisões que ele toma são influenciadas pela noção de que a vida é ficção inspirada por acontecimentos em filmes que Ben já assistiu. Isso mostra o quanto esse transtorno pode afetar a rotina de alguém que não consegue discernir a realidade da ficção.

A voz de Andrew

Andrew sofre de anorexia em um estado já bem avançado.

Não vou dizer que não tenho um problema, porque seria até meio ridículo a essa altura. Eu tô aqui, né? Campo Ugunduzi. Falei que tava certo quando meus pais sugeriram e disse à sério que procuraria trabalhar nas minhas questões. [...] Até aceito se isso significa que vou conseguir comer um hambúrguer com batata frita quando voltar. (YU, 2018, p. 27. Tradução nossa)¹⁷

A anorexia nervosa é caracterizada pela “restrição da ingestão calórica em relação às necessidades, levando a um peso corporal significativamente baixo no contexto de idade, gênero, trajetória do desenvolvimento e saúde física.” (DSM-5, 2014. p. 338) Essas características são percebidas em Andrew, como quando ele relata que sofreu um ataque do coração, dizendo

– Eu tive um ataque cardíaco. Oops... – acrescenta, com um sorrisinho. Todos olham para ele chocados. [...]. Fui parar no hospital e, no final das contas, era um ataque cardíaco. Teve a ver com restrição calórica prolongada, enfraquecimento das aortas e-disso-e-daquilo-outro e [...] Tento não pensar muito nisso,” diz Andrew. Ou, vocês sabem. Tento nem pensar. Meio que me odeio por isso (YU, 2018, p. 232. Tradução nossa)¹⁸

Principalmente com o Andrew, a autora realmente demonstrou o extremo das consequências a que esse quadro clínico pode chegar. É o último a ser apresentado ao leitor e, de uma certa forma, é o mais complexo. As cenas em que ele descreve como pensa sobre comida e seu medo real de ingestão calórica são comoventes. Trata-se de uma característica comum nos transtornos alimentares, de acordo com o DSM-5, “medo intenso de ganhar peso ou de engordar, ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso, mesmo estando com peso significativamente baixo” (DSM-5, 2014. p. 339). Apesar de ter ciência de sua condição e do que é necessário fazer para obter uma melhora, o impulso de prevenir o ganho de peso é mais forte e a forma como isso não está ao seu controle causam um impacto grande na leitura, como na cena:

NO JANTAR É QUANDO dá merda. O café da manhã é ok. Um pãozinho é 450 calorias – mais ou menos por aí – e sei que preciso comer por esse tanto na maioria dos dias, só para sobreviver. [...] O almoço eu vomito, porque tem tanta gente espalhada pela área de piquenique que é fácil ir até as latas de lixo sem ser notado. Já obtive minhas 450 calorias do dia, então pra quê mais? (YU, 2018, p. 74. Tradução nossa)¹⁹

17 I’m not going to say that I don’t have a problem, because that would be kind of ridiculous at this point. I mean, I’m here, right? Camp Ugunduzi. I came willingly. I said okay when my parents suggested it and told them I was going to work on my issues and meant it. [...] I’ll take that if it means I can bring myself to eat a burger and fries when I get back. (YU, 2018, p. 27.)

18 I had—” Andrew says, and then cuts off. He takes a deep breath. “I had a heart attack. Oops,” he adds, smiling weakly. Everyone stares at him, shocked. [...] “—and I went to the hospital, and it turned out that I’d had a heart attack. Something about prolonged calorie restriction and weakening of the aortic something-or-others, and—” [...] “I try not to think about it too much,” Andrew says. “Or, you know. At all. I kind of hate myself for it”. (YU, 2018, p. 232.)

19

Em determinada altura do livro, Andrew tenta cometer suicídio. É o clímax da narrativa, onde todos os personagens são forçados a confrontar resultados extremos de um descontrole sobre suas condições psíquicas. No último capítulo dedicado à personagem, podemos ler Andrew pensar

Fico louco toda manhã quando me levanto e saio do quarto, porque mesmo depois do que todo mundo fala sobre perdão, perdoar a mim mesmo, sobre como ganhar esse peso de volta não é algo que eu tenho que me perdoar, eu não consigo. Não consigo me perdoar. Não sei pelo quê me odeio mais: ganhar esse peso novamente ou não me odiar por fazer isso sem me odiar, que é como todo mundo fica dizendo que tem que ser. (YU, 2018, p. 240. Tradução nossa)²⁰

A autora é bem cautelosa em nenhum momento deixar explícito onde ou como ele tentou o suicídio: apenas que aconteceu. Isso se deve às normas que a Organização Mundial da Saúde criou em 2008 para como tratar o suicídio no entretenimento, pela probabilidade de alguém copiar o que foi feito na ficção. Como colocado no texto: “descrições detalhadas dos métodos utilizados em tentativas de suicídio ou em seu sucesso deverão ser evitadas, pois uma descrição passo a passo podem levar a pessoas vulneráveis a copiar o ato” (OMS, 2008. p. 8). Após os pensamentos de Andrew serem expressos, a notícia é apresentada por outros personagens, mas nenhum detalhe é fornecido ao leitor.

Andrew é o personagem que mais luta com as consequências de seu transtorno e, ainda assim, é um dos personagens mais animados e dispostos a fazer o tratamento funcionar e realmente melhorar. A forma como ele vai apenas piorando é um alerta sobre o quão imprevisíveis essas doenças são.

Considerações Finais

As discussões que envolvem problemas em torno de questões relacionadas à saúde mental são fundamentais para tornar público algo que ainda é deveras estigmatizado na sociedade contemporânea. Como vimos, a incidência de transtornos mentais é alta na população mundial e tem um impacto também naqueles com as quais estas pessoas convivem, o que aponta para a necessidade de um debate maior em torno da temática, bem como a de publicações com informações embasadas que alcancem as pessoas de forma acessível.

Nesse sentido, por mais difícil que pareça ser a inclusão de jovens nesse debate, tanto por dificuldades próprias da faixa etária e sua relação com sua constituição enquanto sujeito quanto por dificuldades de se expressar e ser compreendido pelos demais à sua volta (pais, colegas e profissionais da saúde), além da própria negação do adoecimento, se faz fundamental a existência de ferramentas de aproximação com esse recorte da população. Assim, a internet, as mídias sociais e outros produtos culturais, como a obra aqui exposta, podem auxiliar na aproximação desse diálogo. O repasse de informação concreta através de meios que eles veem como prazerosos propiciam a internalização desse conhecimento e a discussão entre seus grupos sociais. A literatura sempre foi uma forma de contar histórias e compartilhar vivências que existem no mundo. Com a diversidade cada vez maior, em categorias como etnia, sexualidade, gêneros, doenças mentais, idades e afins, a literatura pode ser um meio poderoso para veicular formas diversas de compreender o mundo.

Sendo assim, a literatura jovem-adulta, por mais simples que seja a linguagem, tem um

DINNER IS WHEN everything gets fucked up. Breakfast is okay. A bagel is 450 calories—around there, anyway—and I know I need to eat around there on most days, just to stay alive. [...] Lunch I just throw out, because there are so many people milling around the picnic area that it's easy to slip to the trash cans unnoticed, and because I've already gotten my 450 calories for the day, so what's the point? (YU, 2018, p. 74.)

20 I'm going crazy every morning when I get up and leave the room, because even after everything everyone has said about forgiveness, and forgiving myself, and how gaining all this weight back is not even anything that needs to be forgiven, I still can't do it. I still can't forgive myself. I don't know what I hate myself for more: gaining the weight back, or not being able to let myself do that without hating myself like everyone keeps telling me I need to do. (YU, 2018, p. 240.)

papel necessário em educar jovens que não se sintam ouvidos ou representados. Essa literatura pode iniciar discussões essenciais para a saúde de diversas pessoas desse grupo etário, e unir minorias que por tanto tempo foram ignoradas ou estereotipadas.

Referências

DALGALARRONDO, P.. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DIAZ, S. Jennifer Yu on Mental Health, Writing, and Her Debut **“Four Weeks, Five People”**. School Library Journal. New York, 08 mai. 2017. Disponível em: <https://www.slj.com/?detailStory=jennifer-yu-on-mental-health-writing-and-her-debut-four-weeks-five-people>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2020.

DUYVIS, C. **#ownvoices**. Amsterdam, 6 set. 2015. Disponível em: <http://www.corinneduyvis.net/ownvoices/> Acesso em 28 de agosto de 2020.

JAMESON, F. **Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991

JENKINS, H. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: NYU Press, 2006

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2a ed. Trad. de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5. 5ª ed. **Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Caring for children and adolescents with mental disorders** – setting WHO directions. Geneva, 2003. Disponível em <https://apps.who.int/iris/bits-tream/handle/10665/42679/9241590637.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Preventing suicide: a resource for media professionals**. Geneva, 2017. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/resource_booklet_2017/en/. Acesso em 02 de janeiro de 2020

YU, J. **Four weeks, five people**. Ontario: Harlequin Teen, 2018.

Recebido em 30 de agosto de 2020.
Aceito em 15 de setembro de 2020.